

Linguagem como instrumento interacional de comunicação entre enfermeiro e a pessoa surda**Language as an interactional instrument of communication between nurses and the deaf person**

DOI:10.34117/bjdv6n10-690

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 30/10/2020

Samuel Ramalho Torres Maia

Enfermeiro

Doutorando e Mestre em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará

Instituição: Universidade Estadual do Ceará

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Serrinha, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: samuel.ramalho@aluno.uece.br

Raimundo Augusto Martins Torres

Enfermeiro

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará

Instituição: Universidade Estadual do Ceará

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Serrinha, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: augusto.torres@uece.br

Maria Vilani Cavalcante Guedes

Enfermeira

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará

Instituição: Universidade Estadual do Ceará

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Serrinha, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: vilani.guedes@uece.br

Maria Célia de Freitas

Enfermeira

Doutora em Enfermagem Fundamental pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Instituição: Universidade Estadual do Ceará

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Serrinha, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: celfrei@hotmail.com

Karlla da Conceição Bezerra Brito Veras

Enfermeira

Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará

Instituição: Universidade Estadual do Ceará

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Serrinha, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: karlla.veras@aluno.uece.br

Edine Dias Pimentel Gomes

Fonoaudióloga

Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará

Instituição: Universidade Estadual do Ceará

Endereço: Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Serrinha, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: edine.gomes@aluno.uece.br

RESUMO

A linguagem é definida como todo sistema de sinais que pessoa servir como meio de comunicação. A linguagem surge como inseparável do pensamento de que ela é instrumento. O pensamento é anterior a linguagem. A comunicação é essencial para o cuidado de enfermagem e possibilita, entre o profissional e o paciente, respeito mútuo, confiança, vínculo e compromisso dos profissionais. Só que essa comunicação nem sempre é eficaz, principalmente quando se parte para pessoas com deficiências, como o surdo. A ausência de qualificação dos profissionais de saúde em relação à Libras pode criar prejuízo durante a assistência. Objetiva-se compreender a linguagem como instrumento interacional de comunicação entre enfermeiro e a pessoa surda. Heidegger defende que é preciso “fazer uma experiência pensante com a linguagem”. O homem encontra na linguagem a moradia da sua própria de sua presença. Ele cria e recria a linguagem a partir de suas necessidades, atribuindo novos significados e relações. Wanda Horta aborda instrumentos básicos de enfermagem, os quais a comunicação é citada, objetivando o cuidar em enfermagem. Evidencia-se que a linguagem é inerente ao homem e é importante no processo de relação entre sujeitos. Como no processo de formação, não há uma experiência com a Libras, o enfermeiro, na sua maioria, apresenta dificuldade na comunicação com as pessoas surdas.

Palavras-chave: Linguagem, Comunicação, Pessoa surda, Enfermagem.**ABSTRACT**

The language is defined as any sign system that a person serves as a means of communication. Language appears as inseparable from the thought that it is an instrument. The thought is prior to language. Communication is essential for nursing care and allows, between the professional and the patient, mutual respect, trust, bond and commitment of the professionals. However, this communication is not always effective, especially when it comes to people with disabilities, such as the deaf. The lack of qualification of health professionals in relation to Libras can create losses during care. The objective is to understand language as an interactive communication tool between nurses and deaf people. Heidegger argues that it is necessary to “do a thinking experiment with language”. Man finds in language the home of his own presence. He creates and recreates language based on his needs, assigning new meanings and relationships. Wanda Horta addresses basic nursing instruments, which communication is cited, aiming at nursing care. It is evident that language is inherent to man and is important in the process of relationship between subjects. As in the formation process, there is no experience with Libras, the nurse, for the most part, has difficulty communicating with deaf people.

Keywords: Language, Communication, Deaf person, Nursing.**1 INTRODUÇÃO**

A linguagem é definida, no seu sentido mais amplo, como: todo sistema de sinais que pessoa servir como meio de comunicação. Mais precisamente, utiliza-se a linguagem com aptidão

de inventar ou utilizar sinais intencionalmente que o homem atribui um certo significado e juízo. Assim, a linguagem apresenta-se como um fenômeno que ocorre e caracteriza o homem, não se estendendo aos outros animais (HUISMAN; VERGEZ, 1978).

A linguagem humana é apreendida, de modo a ensinar e aprender os significados dos símbolos, dos sinais, tornando-a convencional, livre e desejada. A linguagem acaba sendo infinita e inacabável, pois o homem é livre para criar novas palavras, símbolos e atribuir um novo significado a estas, inclusive levando em conta as dimensões temporais e espaciais as quais estão inseridas.

A linguagem surge como inseparável do pensamento de que ela é instrumento. O pensamento é anterior a linguagem. O homem pensa e sente a necessidade de expressar esse significado, criando, atribuindo e se materializando essa representação em torno de um sinal, de uma palavra. A palavra nada mais é que a utilização inteligente, sob a forma de símbolos.

Com a linguagem, possibilita-se a comunicação entre os seres. A comunicação é um processo interacional, em que as pessoas trocam ou discutem ideias, conversam, dialogam e todo esse processo influencia os indivíduos às suas percepções, necessidades e valores (SANTOS; TANAKA; CARMAGNANI, 2015).

De modo que a comunicação é essencial para o cuidado de enfermagem, justamente para acolher, escutar, sentir e dar um retorno ao cliente. A comunicação eficaz entre o enfermeiro e o paciente possibilita respeito mútuo, confiança, vínculo e compromisso dos profissionais, contribuindo significativamente com o cuidado prestado ao cliente (KOURKOUTA; PAPATHANASIOU, 2014).

Só que essa comunicação nem sempre é eficaz, principalmente quando se parte para pessoas com deficiências, como o surdo. A surdez é compreendida, atualmente, como uma especificidade de pessoa que se diferencia de outros seres em razão da sua forma de comunicação (SOARES *et al.*, 2018). No Brasil, de acordo com dados de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), há 10 milhões de pessoas surdas, equivalendo a 5% da população brasileira.

Em uma sociedade em que a língua oral é prevalente e, portanto, os indivíduos devem adequar-se a ela para se integrarem no meio social, a população não está preparada para acolher o surdo, inclusive entre um ser surdo e o profissional de saúde. Na maioria dos casos, essa interlocução se dá por meio da linguagem verbal, seja na sua forma oral (tentando fazer com que o usuário surdo leia os lábios ou com a dependência de um acompanhante para interpretar), ou na sua forma escrita, ou na forma de mímicas, criando obstáculos na comunicação (SOARES *et al.*, 2018).

Desta forma, para que o surdo possa compreender o mundo e nele agir, a linguagem utilizada é a Língua Brasileira de Sinais (Libras), considerada oficial da comunidade surda no Brasil,

utilizando uma linguagem visual-espacial, com sinais, gestos e expressões faciais e corporais (RAIMUNDO; SANTOS, 2014). O problema é que os profissionais de saúde não dominam e pouco utiliza, possibilitando prejuízo no cuidado. Isso se dá, muitas vezes, porque o profissional não dispõe disso na sua formação curricular obrigatória (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2015).

A ausência de qualificação dos profissionais de saúde em relação à Libras pode criar prejuízo durante a assistência, resultando em constrangimento, diagnóstico errôneo, dificuldade de elaborar corretamente o prontuário e tratamento inadequado para a possível patologia (GOMES *et al.*, 2017).

Diante do exposto, esse ensaio se propõe a fazer uma discussão e reflexão de como se dá a linguagem e a comunicação entre os enfermeiros e surdos e como isso implica no processo de assistência à saúde. Assim, este estudo objetiva compreender a linguagem como instrumento interacional de comunicação entre enfermeiro e a pessoa surda.

2 A LINGUAGEM DO PONTO DE VISTA FILOSÓFICO

A linguagem apresenta-se como um fenômeno que ocorre no homem. A linguagem é a língua. Heidegger defende que é preciso “fazer uma experiência pensante com a linguagem”. Experiência é percorrer um caminho. É preciso vivenciar, viver, soar, entoar, oscilar, vibrar, senti-la. É indispensável perder o hábito de só ouvir o que já se compreende. De modo que aquilo que não se conhece, o homem deve-se desafiar a entender uma possível nova linguagem, com novos significados, sentidos e representações. Quando o homem vive essa nova experiência, ele consegue se transformar, pois para aprender uma linguagem é necessário descobrir sobre a origem, cultura, história e tradições que estão relacionados com a própria linguagem (HEIDEGGER, 2011).

A partir disto, o homem encontra na linguagem a moradia da sua própria de sua presença. Ele cria e recria a linguagem a partir de suas necessidades, atribuindo novos significados e relações. A experiência em sentido próprio da linguagem só pode ser uma experiência de pensamento.

O pensamento existe antes da linguagem. O homem tem uma ideia e procura exprimir e revestir em palavras. Ele atribui um significado da ideia em torno da palavra. A partir disto, há uma relação lógica da ideia, da imagem do objeto à própria palavra. Assim como, quando se olha um objeto, já vem instantaneamente a “palavra” que representa, da mesma forma quando se escuta falar de um objeto, vem a imagem dele na mente.

É interessante que se pode ter a ideia, mas não vir uma palavra que consiga traduzir o significado, quando isso acontece, diz que “faltou-se as palavras”. Por isso, que o homem está sempre renovando, modificando e inventando novas palavras, justamente para trazer um significado àquela ideia, sentido. Se o pensamento procura as palavras adequadas é porque ele as precede. A

palavra é a chave da linguagem. Na verdade, a chave da linguagem não é a palavra, mas a proposição, a qual é um juízo expresso em que o conjunto de cada palavra traz um sentido bem definido (HUISMAN; VERGEZ, 1978).

Acrescenta-se à tona a relação entre coisa e palavra. Uma coisa, chamada palavra, confere ser a uma outra coisa. As palavras podem ser como as coisas são, perceptíveis para os sentidos. As coisas se tornam compreensivas quando para elas existe uma palavra disponível. Então a coisa “é”. Diz-se que a coisa significa o que é de algum modo, todo e qualquer ente. A palavra leva cada coisa, enquanto o ente que está sendo para esse “é” nela a sustentado. Com a palavra, torna-se a possibilidade de uma experiência *pensante* com a linguagem.

A criança aprende a falar e a pensar ao mesmo tempo, ao passo que um aspecto vai desenvolvendo e o outro acompanha. A criança aprende ao conviver com os pais e ter uma experiência pensante com a linguagem, como Heidegger aborda, envolvendo e aprimorando quatro habilidades da linguagem: escuta, fala, escrita e leitura. Portanto, a palavra é a utilização inteligente, sob a forma de sinais.

Quando se fala de inteligência, há quatro leis gerais que a regem, as quais se pode relacionar com a linguagem: 1) Proceder do conhecido ao desconhecido; 2) A inteligência vai do mais universal para o particular; 3) A inteligência se manifesta em três operações, a intuição a partir da definição, o juízo a partir da enunciação e raciocínio a partir da demonstração; 4) A inteligência adapta seu método ao objeto estudado (IDE, 2000). Com a inteligência, a linguagem está sempre ressignificando e criando sinais que sirva de meio de comunicação.

E a própria Libras é uma língua de sinais oficial no Brasil. Segundo a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, entende-se como Língua Brasileira de Sinais (Libras) a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos (BRASIL, 2002). Foi oficialmente reconhecida pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005). Os sinais são formados a partir da combinação de cinco parâmetros: 1) Configuração de mãos (forma das mãos); 2) Ponto de Articulação (local onde é feito o sinal); 3) Movimento das mãos no espaço; 4) Orientação/Direção do sinal; 5) Expressão facial e/ou corporal (RODRIGUES; DAMIAO, 2014).

A partir disto, questiona-se: Porque o surdo congênito não consegue falar? Pois ele nunca teve esse “fazer uma experiência com a linguagem”. Se ele nunca ouviu som, ele não tem, espontaneamente, tendência a produzi-los. Por isso, é errado falar que uma pessoa é “surda-muda”; na verdade, ela é só “surda”, apresenta lesão, enfermidade ou deficiência somente na audição, estando preservado as cordas vocais.

E porque os enfermeiros não sabem Libras? Pelo mesmo motivo, pois não tiveram experiência com a linguagem. Neste caso, está relacionado com a formação deficitária. Muitos cursos não apresentam a disciplina na matriz curricular. E mesmo que apresente, a formação deve ser contínua, com capacitações, cursos extracurriculares e educação durante e voltado para o serviço. Os profissionais precisam sim saber a língua para atuar no serviço desde atenção básica até o nível terciário (OYAMA; TERCEIRO; PARAZZI, 2017).

3 COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO BÁSICO DE ENFERMAGEM

A linguagem é um meio de comunicação entre os espíritos. Comunicação é uma necessidade humana, um processo pelo qual se compartilham mensagens, ideias e sentimentos, um ato ou efeito em que há troca de informações e o entendimento entre pessoas. Pode ser verbal, por meio da fala e a escrita, ou não verbal, quando utiliza a linguagem corporal, incluindo gestos, expressões faciais e posturas (OYAMA; TERCEIRO; PARAZZI, 2017).

A comunicação é intrínseca ao ser humano a partir das inter-relações na sociedade. Isso não se torna diferente no âmbito da saúde, da enfermagem. Quando se precisa desse processo relacional para escutar, compreender as queixas do cliente, assim como ele entender as orientações e condutas prestadas pelo respectivo atendimento.

O ensino da enfermagem no Brasil apresenta em suas diretrizes curriculares firmadas na Resolução CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001 (BRASIL, 2001). Deve apresentar formação de característica generalista, humanista, crítica e reflexiva. O objetivo da formação é dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais: atenção à saúde, tomada de decisões, liderança, administração/gerenciamento, educação permanente e comunicação (DIAS, 2014).

Na enfermagem, uma teórica que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento desta ciência foi a paraense Wanda de Aguiar Horta. Em 1979, ela escreve o livro *Processo de Enfermagem*, apresentando relevância à Enfermagem por proporcionar um olhar holístico direcionado ao cliente. Ele é constituído pelo histórico de enfermagem; diagnóstico de enfermagem; plano assistencial; prescrição da assistência de enfermagem e evolução de enfermagem. Este processo de enfermagem é um eficiente veículo de comunicação por oferecer diretrizes para a prática e a investigação para fundamentar os cuidados de enfermagem e por explicar as ações dos cuidados de enfermagem a serem realizadas (CAMACHO, 2017).

Wanda Horta destaca que os instrumentos básicos de enfermagem objetivam o cuidar em enfermagem, definindo-os como um conjunto de conhecimentos e habilidades fundamentais para o

exercício das atividades profissionais. Eles são: a comunicação, a criatividade, destreza manual, habilidade psicomotora, o método científico, a observação, o trabalho em equipe, o planejamento e a avaliação.

Wanda Horta aponta que a interação do enfermeiro e cliente é constituída, essencialmente, por meio da comunicação, devendo esta capacidade ser aplicada, principalmente, nas entrevistas com pacientes para o desenvolvimento do histórico de enfermagem (HORTA; HARA; PAULA, 1971).

Porém, a comunicação, atualmente é citada, muitas vezes, como falha entre pacientes e profissionais da saúde generalistas e especialistas (MOREIRA; MOTTA, 2016; PAIXÃO *et al.*, 2018). Sabe-se que a falta de uma boa comunicação inviabiliza e prejudica o atendimento humanizado.

Isso se agrava mais ainda quando o atendimento é com portadores de deficiência, como pessoas surdas. A equipe de enfermagem ainda está, na sua maioria, encontra dificuldades no processo de comunicação para atender a população com necessidades especiais, o que interfere diretamente na qualidade do cuidado prestado e contribui para a resistência apresentada por esses indivíduos quanto à procura dos serviços de saúde e adesão ao tratamento correto (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2015).

Isso acontece, principalmente, por falha no processo de formação. A Libras é um componente curricular obrigatório apenas nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério (modalidade Licenciatura), em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia. Já para os demais cursos superiores se constituem como componente curricular optativo (BRASIL, 2005).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se que a linguagem é inerente ao homem e é importante no processo de relação entre sujeitos. A linguagem objetiva comunicar-se, transmitir uma informação, uma ideia. Para apreender uma linguagem, precisa-se obter experiência pensante com a linguagem, utilizando o pensamento e as leis da inteligência.

Como no processo de formação, não há uma experiência com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), o enfermeiro, na sua maioria, apresenta dificuldade na comunicação com as pessoas surdas. Isso pode prejudicar o atendimento, assistência, diagnóstico, tratamento, prejudicando o processo saúde doença deste indivíduo.

Sugere-se que os currículos dos cursos de graduação na área de saúde incluam a disciplina de Libras como componente obrigatório, assegurando o respeito, inclusão e o direito à saúde desta pessoa surda. Por se tratar de uma língua, defende-se a continuidade deste processo no tocante ao ensino/aprendizagem, complementando-se com capacitações, cursos, educação permanente e atividades que envolvam a comunidade surda e os profissionais de saúde para o estabelecimento de vínculo, confiança e a própria linguagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília; 2005. Seção 1, p. 28.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União [Internet]; Brasília; 2005 [citado em 2019 Maio 27]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União [Internet]; Brasília; 2002 [citado em 2019 Maio 27]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 3 de 07 de novembro de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. [Internet]. 2001 Nov [citado em 2019 Maio 27]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>.

CAMACHO, Alessandra Conceição Leite Funchal; JOAQUIM, Fabiana Lopes. Reflexões à luz de Wanda Horta sobre os instrumentos básicos de enfermagem. Rev. enferm. UFPE on line, v. 11, n. supl. 12, p. 5432-5438, 2017.

DIAS, Matheus Viero et al. Nursing undergraduate education in relation to the death-dying process: perceptions in light of the complex thinking. Revista gaucha de enfermagem, v. 35, n. 4, p. 79-85, 2014.

GOMES, Leticia Ferreira et al. Conhecimento de Libras pelos médicos do Distrito Federal e atendimento ao paciente surdo. Rev. bras. educ. med, v. 41, n. 3, p. 390-396, 2017.

HEIDEGGER, M. A caminho da linguagem. 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.

HORTA, Wanda de Aguiar; HARA, Yoriko; PAULA, Nara Sena. O Ensino dos Instrumentos Básicos de Enfermagem. Rev Bras Enferm [Internet]., v. 24, n. 3, p. 159-169, 1971. Acesso em: 29 maio 2019. Disponível em: <<http://www.fcfar.unesp.br/arquivos/517282.pdf>>.

HUISMAN, Denis; VERGEZ, André. O conhecimento. 3. ed., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1978.

IDE, P. A arte de pensar. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2010. [Internet] 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 maio 2019.

KOURKOUTA, Lambrini; PAPATHANASIOU, Ioanna V. Communication in nursing practice. Materia socio-medica, v. 26, n. 1, p. 65, 2014.

MOREIRA, Glaucia de Oliveira; MOTTA, Luciana Branco. Competência Cultural na Graduação de Medicina e de Enfermagem. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 164-171, jun. 2016.

OLIVEIRA, Yanik Carla Araújo de; CELINO, Suely Deysny de Matos; COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti. Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 25, n. 1, p. 307-320, 2015.

OYAMA, Silvia Maria Ribeiro; TERCEIRO, Flávia Aparecida Barbosa Mesquita; PARAZZI, Larissa Caroline. Comunicação do enfermeiro docente na assistência a pessoas cegas e surdas. *CuidArte, Enferm*, v. 11, n. 1, p. 78-85, 2017.

PAIXÃO, Tatiana Monteiro da et al. Detecção precoce e abordagem do câncer infantil na atenção primária. *Rev. enferm. UFPE on line*, v. 12, n. 5, p. 1437-1443, 2018.

RAIMUNDO, R. J. S.; SANTOS, T. A. A importância do aprendizado da comunicação em libras no atendimento ao deficiente auditivo em serviço de saúde. *Renefra*, v. 3, n. 3, p. 184-91, 2014.

RODRIGUES, Silvia Cristina Martini; DAMIAO, Gardênia Costa. Ambiente virtual: auxílio ao atendimento de enfermagem para surdos com base no protocolo de atenção básica. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 731-738, ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342014000400731&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 maio 2019.

SANTOS, Amanda Batista de Siqueira; TANAKA, Luiza Hiromi; CARMAGNANI, Maria Isabel Sampaio. Significados da comunicação não verbal para as entrevistadoras na seleção de profissionais de enfermagem. *Reme: Rev. Min. Enferm.*, Belo Horizonte, v. 19, n. 4, p. 877-885, dez. 2015. Disponível em <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622015000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 maio 2019.

SOARES, Imaculada Pereira et al. Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. *Rev. baiana enferm.*, Salvador, v. 32, e25978, 2018. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502018000100334&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 maio 2019.